

Afirma administrador distrital: Estiagem de Funhalouro é fenómeno normal

Sexta, 16 Outubro 2015 00:00

A IMINENTE crise alimentar no distrito de Funhalouro, interior da zona norte da província de Inhambane como consequência da fraca produção agrícola na última campanha agrária causada pelas acções combinadas de estiagem e seca severas, deve ser encarada como desafio da sociedade no quadro da busca de soluções para transformar a natureza, pois, segundo defende o administrador cessante daquela divisão territorial, Afonso Cornélio Machungo, Funhalouro se localiza numa zona árida ou semi-árida do sul do país.

Para sustentar esta tese, Afonso Machungo, suporta-se pela bibliografia da origem do nome do distrito, Funhalouro, cuja interpretação, é o sinónimo da fome, ou seja, Funhalouro, êfoi sempre alcunha de fome.

“ A tchima nzita tolo, a nzi sega tchumo, a rumbo gamina go Fonhololo hi ndlhala”, respondeu nestes termos o régulo da zona, quando questionado por um grupo de portugueses que deambulava pela aldeia em busca de um curso de água para matar cede, o que traduzido na língua de todos nós quer dizer. “Desde que cheguei a esta zona ontem, ainda não comida nada. A minha barriga está com rugas por causa da fome”.

Foi a partir desta resposta que o régulo passou a ter alcunha de Hosi, Fonhololo ou seja, chefe Fonhololo e assim o distrito passou a ostentar, Fonhololo e os portugueses, tal como aconteceu um pouco por todo país, passaram a chamar Funhalouro.

Afonso Machungo que dirigiu aquele distrito mais extenso e menos habitados da província de Inhambane, quinze mil quilómetros quadrados e 45 mil pessoas, respectivamente, afirmou em entrevista a nossa Reportagem que até certo ponto a situação da seca e consequente insegurança alimentar, está sendo mediatizado por certas correntes políticas, escamoteando factos reais, pois, segundo explicou, a seca nunca foi bicho-de-sete-cabeças, nunca assustou a ninguém porque é fenómeno natural. A seguir, as partes relevantes da entrevista.

Noticias, (N), Senhor administrador, qual êa situação actual da segurança alimentar no distrito de Funhalouro?

Afonso Cornélio Machungo, (ACM)- A produção alimentar no primeiro semestre atingiu 25.351 toneladas de produtos diversos, pouco para alimentar toda população porque o normal seria , cerca de 30 mil toneladas, dai que podemos afirmar que a situação alimentar neste distrito não tem sido das melhores. Aqui seca não ê novidade, a chuva êque uma novidade. Porque? Porque tal como os distritos de Mabote e Panda na província de Inhambane, Chigubo, Chicualacuala e Massengena em Gaza, Funhalouro está numa zona árida ou semi-árida na região sul do país, onde a agricultura nunca foi uma alternativa para o combate a fome. Alem da escassez das chuvas, não há também rios, os lagos e lagoas se bem que existem, não conservam água por muito tempo, já que chove muito pouco.

N- Então a insegurança alimentar ê uma constante aqui, uma vez que chove pouco e não há nenhum rio no distrito?

ACM- Fome, até podemos dizer que neste momento ainda não ê preocupante, mas também ê verdade que não estamos muito bem. Mas ê preciso dizer que a seca êo pão de cada dia neste distrito. Temos sinais de uma crise alimentar que pode afectar as regiões de Mathale, Mangueze, Manganhe, Cupo bem como alguns povoados de Mavume. As reservas alimentares, podem esgotar até finais deste mês e em Novembro, poderemos estar numa situação complicada. Para minimizar a situação estamos a sensibilizar a população para procurar soluções locais apostando na criação de gado bovino bem como criação de aves, porque como sabe, a produção agrícola êem si uma alternativa. Desde que estou aqui desde 2010, passam mais de cinco anos só tive uma boa época agrícola, a campanha 2012/2013 em que as chuvas foram ate Abril, houve boas colheitas, outros anos o cenário foi e sempre de falta de chuvas ou quando as chuvas ter minam em Fevereiro. Para não deixar a população de braços cruzados a espera que o deus opera milagres, recomendamos para investir na segunda época onde as culturas praticadas, como feijões, são de ciclo curto e ê possível fazer com a pouca chuva que cai nos meses de Dezembro ate Março de cada ano.

CRIAÇÃO DE ANIMAIS COMO TÁBUA DE SALVAÇÃO

N- Perante este cenário já tido como crónico, que estratégias adoptar para mitigar os efeitos da estiagem?

ACM- Além das acções do Instituto Nacional da Gestão das Calamidades, INGC, através do programa específico de mitigação de desastres naturais nas zonas áridas e semi-áridas, portanto há já estratégias identificadas em curso, nomeadamente, a prática de uma agricultura de conservação aproveitando no máximo a pouca água que cai. Estamos a mobilizar a população para o corte e venda de estacas, produção e venda de carvão vegetal, lenha e mel e comercialização de castanha de caju. Porque Funhalouro é uma potência na criação de gado bovino, estamos a inculcar nas comunidades, a necessidade de explorar a pecuária em acções concretas para suprir as dificuldades que tem. Para incentivar esta pratica, grande parte dos projectos financiados pelo Fundo de Desenvolvimento Distrital, FDD, vulgos sete milhões de meticais, foi para fomento pecuário para a criação de renda familiar e emprego, são de criação de gado bovino. As outras componentes que procuramos explorarem no máximo, é a produção de castanha de caju. É preciso recordar que Funhalouro , éo melhor produtor de castanha na província.

N- Sobre o gado bovino, dizia que é preciso inculcar o valor destes animais, será que os criadores de Funhalouro, não comem carne dos seus próprios animais?

ACM- Aqui há um fenómeno estranho, mito ou simplesmente falta de informação. Como disse no inicio, Funhalouro é potencia no âmbito de criação do gado bovino, há três anos estávamos em primeiro lugar, agora fomos ultrapassados por Massinga. Agora contamos com 30.113 bovinos, 27.311 galináceos, 20.462 caprinos, 9.452 ovinos, 3.775 suínos e 1.247 asininos. Mas muitos criadores vivem mal, não tem casas condignas, se alimentam mal, mas todos dias estão no mato a pastar gado. O que nós estamos a dizer, é que não podem morrer a fome quando tem muito gado. Repara que no primeiro semestre, apenas de um total de 33.113, bovinos e foram abatidos, 33 suínos tendo produzido cerca de 6.54 toneladas de carne. Muito pouco para gerente que tem poucas alternativas disponíveis. Para além de abater comer a própria carne que até pode conservar por algum tempo de acordo com as técnicas difundidas pelos Centros de Recursos de Uso Múltiplos, podem igualmente levar o gado para as feiras agrícolas para a s trocas comerciais ou mesmo vender de forma a adquirir bens valiosos que não tem, como por exemplo, melhorar as suas casas, comprar uniforme ou outro vestuário para seus filhos na escola e até pagar propinas para seus filhos nas escolas superiores. O facto curioso é que esse gado nem é utilizado para as lavouras porque não chove.

N- mas qual pode ser o preconceito de os criadores não abaterem ou venderem seus animais?

ACM- Estamos a investigar, mas a primeira resposta tão banal que aparece, é bastante tradicional. Os animais têm nomes de pessoas vivas ou mortas parentes dos donos. Madala, Davidane, Mbanguine, Mazive, Manhice, Manguezi entre outros nomes. Na cabeça dos donos destes animais, abater o madala, significa mesmo fazer desaparecer o nome do seu falecido pai ou mesmo matar seu pai ainda vivo, portanto e pouco disto que alguma parte dos criadores tem. Outros só ficam satisfeitos ao chegar no coral ver os animais e contar e saber que todos estão ai, mais nada. Mas paulatinamente estão a saber que a utilidade do bovino não e apenas para puxar a charrua, é também carne, é dinheiro guardado.

ESTÃO A SURGIR CASAS MELHORADAS

N- Então, que estratégia a adoptar para mudar este cenário?

ACM- O esforço que é feito pelo governo na mobilização das comunidades no sentido de melhorara sua habitação, está a resultar. Há também alguma contribuição dos mineiros. Já estão a surgir boas casas. Temos alvenarias no bairro Mbanguine, um dos melhores bairros bem organizados da vila sede, portanto paulatinamente Funhalouro esta a levantar, está a libertar e está a se globalizar.

N- Em suma, a vida em Funhalouro não obstante, esses problemas está nos caris?

ACM- Pois. Sabe, esse assunto de fome não fome é muito complicado fazer perceber algumas pessoas. Se formos agora a população pergunta quem está com fome, é claro que todo mundo responde que não nada para comer, entretanto dificilmente encontraremos sinais claros dessa situação. Não há casos de abandono dessas zonas onde se regista seca severa para outras zonas a procura de melhores condições de vida. As pessoas nasceram lá e é lá onde vivem, faça chuva faça sol. Quanto o Secretariado Técnico de Segurança Alimentar, SETSAN, faz as projecções de fome aqui é em outros distritos, fazem baseando-se no conhecimento científico e até é bom porque nos ajuda a planificar as actividades, mas a verdade é que , não temos aspectos de má nutrição nem mesmo uma

situação de aspecto físico que interpreta a fome. É isso que o governo, não quer que se perpetuem , dai o seu engajamento na mobilização da população para apostar nas soluções locais que já mencionamos no início desta entrevista.